

A religação dos saberes

MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução de Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Edgard de Assis Carvalho – PUC/SP

Religar ciências da natureza e ciências da cultura constitui um problema de amplas dimensões. Produto da visão dualista que se constituiu em paradigma dominante, esses dois continentes culturais resistem a qualquer tipo de diálogo, malgrado múltiplos esforços de áreas do conhecimento empenhadas em rejuntar saberes, implodir dualidades, determinismos redutores e certezas finalistas. As instituições educacionais, do ensino fundamental à universidade incumbidas de preservar e recriar o patrimônio cultural planetário, continuam a fortalecer por toda parte o modelo da fragmentação, especialização e disciplinarização, duplicando departamentos, programas de pós-graduação, grupos, núcleos, que acabam sepultando qualquer iniciativa transdisciplinar que seja digna desse nome.

Esses foram os desafios que animaram Edgar Morin a aceitar o encargo de propor as bases de uma reforma para o ensino médio, que chegasse até aos muros universitários, responsáveis pela formação dos futuros educadores. Restava saber como realizar e operacionalizar um macro projeto de regeneração humanista, regido pelos operadores da de complexidade e da transdisciplinaridade. As *Jornadas Temáticas*, realizadas entre 16 e 24 de março de 1998, foram a estratégia encontrada para deflagrar e consolidar a idéia da religação, palavra estranha para os quadros da tecnoburocracia estatal e privada, tanto lá quanto aqui.

Aceito o desafio e definido o elenco de pensadores contaminados pelo *princípio da incerteza racional*, as oito jornadas tematizam o mundo, a terra, a vida, a humanidade, manifestações civilizatórias como arte, literatura e cinema, a história, as

culturas adolescentes e o próprio conhecimento. Precedidas de uma introdução e de observações finais do próprio Morin adentramos em teorias cosmológicas, em mistérios da biosfera, na auto-ética, nas regulações do corpo, nas mistérios do genoma, nas bifurcações da memória coletiva, no caos das paixões, nas miragens adolescentes, no anonimato da cibercultura, na transversalidade e desafios da própria complexidade e da religação.

O que aprendemos é que o universo é um cosmos e que a desordem é nada mais nada menos do que uma ordem oculta. Chegamos a ficar envergonhados em constatar nossa ignorância referente às espécies animais e vegetais. Espantamo-nos com o fato de que a beleza da natureza precisa ser urgentemente restaurada e que, para isso, é necessário internalizar a responsabilidade para com a biodiversidade e com a sustentabilidade de nossa própria espécie, agora ameaçada de extinção.

Por mais que se insista que a vida enquanto objeto de investigação científica não existe e que o interesse dos biólogos se resume à explicação de mecanismos celulares, a polêmica que circunda a interpretação genética de qualquer organização viva e a autonomia epigenética dos indivíduos deve integrar todos os programas de ensino, para que a multidimensionalidade dos problemas físicos, bioquímicos e da biomoleculares seja identificada. Com isso, talvez seja possível assumir de vez que os primatas humanos vivem definitivamente no futuro, isso porque, pelo menos até agora, somos os únicos seres vivos capazes de prevê-lo. É necessário restaurar também o sentimento da humanização pela história crítica da hominização,

cujo objetivo maior é assumir, de uma vez por todas, a unidade e a diversidade, a bioantropossociabilidade planetária, ou seja, a interdependência biológica, animal, mental, espiritual e cultural.

As experiências instauradoras propiciadas pelas formações imaginais de todas as artes assumem no projeto da reforma um papel crucial. Isso porque delas emerge algo de inusitado, como se romancistas e poetas, pintores, cineastas, permanentemente contaminados pelo princípio da incerteza, fossem capazes de propiciar a todos nós uma consciência de si e dos outros, uma meta ética universalista e pluralista. Afinal de contas, como reitera Morin na última jornada, nossa missão é transmitir às novas gerações uma política de civilização que integre a razão e a paixão, a onda e a partícula, a unidade e a multiplicidade. Resta saber quem se incumbirá de desencadear essa axiomática da inteligência e da razão abertas, encontrar soluções alternativas ao “funesto presente” como pretendia Paul Valéry. Talvez todos aqueles que entendem que a complexidade não é uma resposta, mas problema, desafio simultaneamente irresistível, transgressor e inflado de paradoxos, contradições e utopias.